



## MUITAS INDAGAÇÕES E ALGUMAS RESPOSTAS Beth Cataldo<sup>1</sup>

*Brasília aos 50 anos. Que cidade é essa?*

Organizadoras: Beth Cataldo e Graça Ramos

Autores: Andrea Jubé Vianna, Chico Amaral, Conceição Freitas, Gustavo Lins Ribeiro, José Rezende Jr., Leonardo Barreto, Mara Bergamaschi, Marco André Schwarzstein, Marcos Magalhães, Mauro Santayana, Ricardo Caldas, Ricardo Labastier, Ruy Fabiano e Sérgio de Sá.

Nova Lima: Tema Editorial, 2010. 256 p.

No dia em que a praça foi tomada por uma multidão festiva e barulhenta, a geografia do poder inverteu-se, subitamente. As imagens entraram em suas superquadras bucólicas, os textos vasculharam seus personagens, reviraram sua periferia. E os brasileiros observaram, surpresos, que havia, sim, uma cidade pulsante debaixo dos escombros da política nacional. Os rostos crispados dos autores das transações tenebrosas cederam espaço a faces anônimas e límpidas. O espanto da cidade viva, feita de carne e osso, ainda ressoa pelo País afora. Gente, histórias, verde, céu. Brasília apresentou-se em seu cinquentenário com a força dos narradores que presenciaram seu nascimento e a exuberância dos jovens que projetam o seu futuro. Mas que futuro é esse mesmo?

Repletos de indagações e algumas respostas, os 14 textos que compõem o livro *Brasília aos 50 anos. Que cidade é essa?*, publicado pela Tema Editorial, têm

<sup>1</sup> Jornalista, organizadora do livro *Brasília aos 50 anos. Que cidade é essa?*, juntamente com a historiadora de arte, e também jornalista, Graça Ramos.



os olhos postos naquilo que a cidade projeta para os brasileiros e na identidade que se constrói em meio às frestas dos símbolos da nação. Os palácios que hospedam a elite política do País não contam toda sua história, a arquitetura modernista que moldou o concreto dos edifícios da Esplanada dos Ministérios não pode explicá-la por inteiro. Seus criadores já não podem interpretá-la de forma cabal. A cidade se fez, para o bem ou para mal, ao longo de cinquenta anos. Adquiriu vida própria, ainda que esteja em pleno processo de formação de seu perfil cultural e social.

Esse universo fascinante, pleno de contradições e possibilidades, adquire tons também sombrios quando os autores retratam, no capítulo “Visões do horror”, a gênese da maior crise política da história de Brasília e apontam saídas para que a vida institucional se depure e possa continuar. O capítulo especial que retrata a crise, marcado em páginas emolduradas por tarja negra, no desenho do autor do projeto gráfico, Chico Amaral, deixa claro que o livro não traz uma abordagem complacente com a cidade que cresceu à sombra do poder. Busca, na verdade, distanciar-se da tentação do tom de exaltação que predomina em datas grandiloquentes, como o aniversário de 50 anos comemorado no último dia 21 de abril.

Na maior parte dos textos, o que predomina é o olhar enviesado sobre a capital, os ângulos inusitados dos que a habitam, a face inesperada e distante das obviedades do poder central. Mesmo o estranhamento com que Mara Bergamaschi saúda Brasília no primeiro capítulo se traduz em observações inesperadas – “os brasileiros não amam sua capital”, constata. O preço de sediar o poder é alto, emenda Ruy Fabiano, autor de dois textos no livro. Em “Viver com o poder”, ele exercita sua fina capacidade de criticar. Irônico, escreve uma crônica

precisa dos costumes da política brasileira, comparando os tempos de hoje com os idos da capital no Rio de Janeiro. Antes, lembra, “o poder podia não cuidar do povo – e raramente cuidava – mas o frequentava”. A sua conclusão é de que falta uma Cinelândia em Brasília, pelo menos para aproximar os líderes políticos da realidade da maioria dos brasileiros.

O roteiro de afetos percorrido por Graça Ramos, uma das organizadoras do livro, no texto “A poesia passou por aqui”, diz quase tudo o que os pioneiros experimentaram “naquele mundo que se estruturava em desejos e se constituía em intensidades”. O mundo da menina que chegou aos sete anos de idade em Brasília e cresceu numa cidade em construção é um retrato delicado daquilo que se materializava no pó da terra vermelha e nas máquinas em operação incessante para erguer a capital. Graça narra um tempo de aventuras e desventuras, das primeiras marcas que os imigrantes adquiriram naquele novo mundo, da transformação lenta do coletivo para o individualismo mais feroz, indiferente à sorte alheia. Narra também as possibilidades de soerguimento e explora o que pode vir a ser enquanto ainda há tempo.

Em contraponto à narrativa pessoal e emotiva, o texto seguinte – “Começo de mundo”, de minha autoria – carrega um painel econômico sobre a capital brasileira, foca sua exuberância estatística que esconde indicadores de profunda desigualdade e preocupante degradação. Mas é preciso afirmar, como é feito, que Brasília cumpriu em boa parte o destino traçado por Juscelino Kubitschek e os pioneiros que o acompanharam. A interiorização do desenvolvimento, preconizada na época da construção da nova capital, de fato aconteceu, como se pode comprovar pela força econômica do Centro-Oeste do País, cortado pelas estradas com que JK imaginou “costurar o Brasil por dentro”. É preciso também reconhecer que uma potência econômica foi semeada no Planalto Central, e com ela reescreveu-se o mapa político e econômico do Brasil.

No ensaio que assina sobre “A cidade e o Estado”, o jornalista Mauro Santayana, nome de peso na imprensa brasileira, chama atenção para as razões dos mineiros em apoiar a mudança da capital – e que certamente são válidas também para os habitantes de Goiás. Na conversa cordial que teve com os opositores da UDN mineira, como Magalhães Pinto e Pedro Aleixo, Juscelino colheu o apoio tácito ao projeto que acalentava para sua campanha à Presidência da República. A mudança da cabeça do Estado brasileiro do litoral para o interior interessava a Minas, que

poderia ampliar sua influência na nova geografia do poder. Isso é ainda mais verdadeiro para os goianos, que viram a nova capital plantada em seu território geográfico e político.

É do universo da fantasia que trata a jornalista Conceição Freitas no capítulo intitulado “A construção do sonhar”. A dimensão impressionante dos equipamentos que cruzavam o Cerrado em direção ao épico canteiro de obras em que se construía Brasília, a passagem barulhenta do comboio de tratores a arrastar vegetação e terra – tudo marcou a visão das crianças que assistiam a esse espetáculo curioso e inesquecível. Ou que acompanhavam na distante Alemanha, como o cineasta Wim Wenders, então com 14 anos, os ecos da saga brasiliense na imprensa estrangeira. Conceição mergulha ainda na expectativa tensa do Rio de Janeiro ao perceber que JK concretizaria a anunciada mudança da capital. Os cariocas se prepararam à sua moda, com marchinhas e sambas, para resistir ou exaltar a drástica alteração do curso de suas vidas.

É bom lembrar que Brasília é fruto também de uma linhagem nobre de intelectuais e artistas do Rio, que fervilhavam naqueles anos confiantes e promissores da década de 1950. Não bastasse Oscar Niemeyer, dali vieram também muitas das concepções que predominaram na arquitetura e no desenho da cidade monumental. O jornalista Marcos Magalhães, nascido no Rio de Janeiro, é quem aborda a experiência de viver nesse traçado em cruz idealizado por Lúcio Costa e habitar as maquetes desenhadas na prancheta de Niemeyer. A abordagem de

Marcos é humanista, interessa-lhe antes a percepção dos habitantes do espaço brasiliense, aqueles que caminham em trajetos inóspitos ou que podem desfrutar de bosques ao redor de seus apartamentos. Ou ainda os que imaginam novos pontos de encontro, mais propícios ao exercício da convivência e da cidadania.

Em tudo, ressalta a constatação de que, nem mesmo Niemeyer, pode mais dispor do espaço que criou da maneira que entender. A cidade resistiu e jogou por terra, por exemplo, o projeto da Praça da Soberania, que engessaria em camadas de concreto áreas dos gramados verdes da Esplanada dos Ministérios e obstruiria com um imenso obelisco em diagonal a visão dos transeuntes. Nos devaneios de Marco André Schwarzstein, outro carioca, que assina o texto “Jardins da Esplanada”, os caminhantes poderiam tomar essa cidade, transformá-la em algo menos previsível, cruzar com outros passantes, vê-los face a face, converterem-se em seres vibrantes, criativos e solidários. O acirrado debate em torno da obra proposta recentemente por Niemeyer, e que seria uma das novas marcas a consagrar a cidade em seu cinquentenário, está dentro desse contexto.

Talvez tenha sido um prenúncio de que a cidade começa a revelar sua alma, ensaia o descobrimento das possibilidades de sua população densa e emergente. Se fosse possível mapear esse ânimo nascente certamente seria necessário incluir nessa trajetória as cidades-satélites que tomam o Distrito Federal de forma vertiginosa e imprevista. A maior delas, a Ceilândia, com mais de 600 mil habitantes, tem sua história contada por Andrea

Jubé Vianna, que acompanha os caminhos de uma família que se insere na comunidade nordestina que deu ritmo e energia à satélite. Seria preciso também frequentar a Rodoviária de Brasília, como fez José Rezende Jr. em inúmeras idas e vindas por suas plataformas, escadas e personagens. Foi ali que ele encontrou a moça mais bonita do mundo e uma outra, “louca de álcool, crack ou solidão”. Bem ali, em meio a pastéis e caldo de cana, está a diversidade do Planalto Central do Brasil.

Os modos de construir uma identidade, na visão de Sérgio de Sá, estão enumerados um a um em 50 tópicos que remetem a uma Brasília profunda, cercada de memórias afetivas e códigos de uma comunidade especial. De repente, é o rock dos anos 80 que surge nas lembranças de Sérgio, mais adiante é o presente que incomoda e degrada a cidade. Na altura do 44º tópico: “O espectador se orgulha de ter sua cultura reconhecida em outra cidade. De Brasília? Lugar de rock, de Legião, de Capital, de Plebe, de Escola de Escândalo, a banda preferida. Parte em defesa do tédio produtivo, do lugar de devaneio intelectual (como queria o urbanista), da paixão pelo sangue do nariz em seca”. Visceral, ele ainda vê, democracia adentro, “anos turvos, bovinos, adornados por corrupção”. A sua conclusão é emblemática: “Ainda se chama esperança”.

É de esperança que trata o último texto, de autoria do antropólogo Gustavo Lins Ribeiro. A Brasília que surge nas suas palavras é aquela que representou a superação do período colonial pelos brasileiros – “uma ruptura explícita com o imaginário colonialista que identificou o Brasil com o litoral tropical e cujas capitais, Salvador e Rio de Janeiro, até hoje o retroalimentam”. É a cidade que “nasce no momento de um arranque nacionalista e desenvolvimentista que propugnava a construção de uma nova nação a partir do seu interior”. O texto de Gustavo é uma reflexão, por excelência, sobre o futuro dessa cidade plantada em meio ao nada e do próprio País que a circunda e com ela se conecta cada vez mais. Não por acaso, o olhar do fotógrafo Ricardo Labastier, autor do ensaio fotográfico do livro, deslumbra os leitores com luz e magia.